

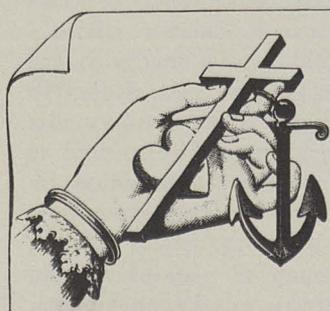
*O Futuro é uma pescadinha de
Passado na boca.*

Considerando a época de transição que vivemos e ainda o facto de, neste século, ser geométrica a progressão do saber, árdua tarefa seria a de tentar, com um mínimo de realismo, pautar o devir pelo presente. Assim, aceito o convite para escrever sobre "As perspectivas de futuro que se abrem à cultura portuguesa", divagando em meditação retrospectiva nesta

CARTA A NINGUÉM

Antigamente era o oásis. Depois, área de resguardo por demais evidente, o pequeno pedaço de terra deixou a serenidade para datas sucessivamente adiadas e passou a ser palco de cobiças as mais variadas e mais torpes. A turba europeia, acossada por guerras, diminuição de espaços vitais e cultora da lei do mais forte, inclinou a rota a Sul e a Este e... o resto sabemos-lo bem, já que, dourados embora pela narrativa, sempre nos chegaram os resquícios de factos de antanho. São eles que nos chamam a atenção para o papel — sempre preponderante — de estrangeiros e/ou estrangeirados. Por outras palavras: um certo atavismo tornou sempre fascinante o que se poderia mais ou menos facilmente importar, quer fossem cotas ou lanças, quer ideias caldeadas em cadinhos dúbios de razão, mas rigorosos quanto ao "saber de experiência feito".

É evidente que a genética não explica tudo; em todo o caso faz luz sobre a maior porção deste património somático herdado pela violência, pelo amor e pelas circunstâncias que foram mãe de uma tolerância que ainda persiste. Assim, potencialmente capazes para fazer aflorar tendências e gozos oriundos de tanta e tão distinta semente, inaptos para a definição amalgamada, eis-nos dotados de uma personalidade que se caracteriza pela polivalência. Com efeito, nos portugueses, está sempre tudo certo. Podemos sentir como escravos ou fazer apelo ao moirismo.



De nada serviram o intencional apagamento de culturas pré-existentes no espaço que hoje é Portugal, nem a cristianização de ateus ou gentios. A força cultural dos povos é impressa em misteriosas matrizes de arrelhadora simplicidade. Ah, R.N.A. e A.D.N. a quem salva o não terem pescoço!

Enfim, urdidos com o melhor, o pior e o diferente, eis-nos permeáveis, amantes e devotos da ideia de fora. Importa mais isso que a criação própria, engolida apenas pelo exagerado receio do ridículo ou pelo comodismo que os habituais obstáculos justificam.

É assim, que outros "descobrem" aquilo que não raro vimos primeiro. Estou a recordar-me dos Raios X radiografando, por acaso, a mão esquerda de um anónimo Dr. Abreu, na Faculdade de Medicina de Coimbra; estou a ver os nossos criadores domésticos, engenhocando de tudo um pouco, para deleite próprio e utilidade exclusiva.

Num tal contexto socio-cultural e com esta bizarra forma de ser e estar no mundo, não admira que, na ara de ídolos de além-fronteira, se imolem as certezas de percurso autónomo. A insegurança é que nos dita o seguidismo e a vontade esperantista é que responde pela inibição da auto-crítica. Daqui ao plágio a distância é medida em polegadas; daqui ao complexo de inferioridade nada dista porque a colonização mental é facto demasiado antigo, com direito já, a foro de cidade!

A resultante geral, como é óbvio, há-de ser esta ubiquidade de espanto. Com efeito, pequeno é o mundo e pouca a

diversidade para a nossa singular potencialidade adaptativa. Infelizmente jamais disso tirámos partido, o que nos leva a ir pobres e voltar miseráveis. Se entenderem como excessivas estas palavras, esqueçam-nas e leiam antes: vamos ricos de ideal e voltamos ricos de experiência que é, como todos sabem, o registo do insucesso repetido. O espólio final resulta, consequentemente, apenas moral.

A epopeia Camoniana e um ou outro luzeiro na noite dos séculos XVI e XVII enovelam-se para nos ceder o marco de referência. É assim que Amato Lusitano e Ribeiro Sanches se enredam, na dimensão universal, com os polos da cultura tomada não já em seus parâmetros específicos, mas naqueles da generalidade citada por Carrel. As mais das vezes, porém, pensamos como Berkeley e, as restantes, hibernamos bebendo histórias que a frustração gerou em Herculano e Vieira.

De raiva pura, nunca espumámos. Daí que, identificados com a paisagem, tenhamos a serenidade das noites tropicais e a harmonia dos longes desta terra onde tudo nos vem por acidente ou predeterminismo divino. Não sabemos ainda se por esperança de Deus na possível recuperação, se por simples comiserção do pai em relação ao filho, diminuído pela moleza e o medo.

Ter asas fortes não implica o voo. É por isso que o aves-truz corre muito.

A seguir,
trabalho de ANTÓNIO SENA

Éxitos da RJ nas livrarias:

- **POESIA FUTURISTA PORTUGUESA**,
compilação de Nuno Júdice (col. de Bolso)
- **SÍMBOLOS DA TOTALIDADE NA OBRA DE HERMANN HESSE** de Yvette Centeno
(col. Ensaios)
- **A INVENÇÃO DA MULHER**, de Maria Rosa Cutrufelli (col. Materiais)
- **A BONECA COR-DE-ROSA**, de Maria Sofia de Santo Tyrso e desenhos de Adelaide Penha e Costa
(col. Infantis)
- **MORTE AOS FEIOS**, de Vernon Sullivan-Boris Vian (col. Série Negra)
- **MORTE NO TEJO**, de Armando Cortez (col. Série Negra)
- **O SEPARAR DAS ÁGUAS**, de Hélia Correia
(col. Ficções)
- **PAÍS DE LESBOS**, de Maria Regina Louro
(col. Ficções)
- **O SILÊNCIO DOS POETAS**, de Alberto Pimenta (col. Ensaios)



A Regra do Jogo, Edições, Lda.
EDITORA E DISTRIBUIDORA

Rua Luz Soriano, 19 S/L Esq. tel. 362833 — 1200 LISBOA
Apartado 1357 — tel. 482299 — 4201 PORTO Codex
Rua S. João, 29 — Bordalo — tel. 37474 — 3000 COIMBRA

A POESIA E O ROMANCE EM CONTEXTO, EDITORA

1. **SENTIMENTO DUM ACIDENTAL**
por Armando Silva Carvalho
coleção contexto/de poesia, 160 esc.
2. **PLÂNCTON**
por Nuno Júdice
coleção contexto/de prosa, 220 esc.
3. **O ABADE C.**
por Georges Bataille
coleção lusco-fusco,
tradução de Luíza Neto Jorge,
280 esc.

